

AS VELAS, NÃO O VENTO, FAZEM CHEGAR

Luiz Carlos Corrêa Carvalho

caio@canaplan.com.br

“O pessimista queixa-se do vento;
o otimista espera que ele mude e o realista
ajusta as velas”.
William Ward

Todos conhecem a história da evolução dos combustíveis, desde quando o foco era aquecer, defender-se e cozer (lenha) até o fantástico impulso dado pelo petróleo e seus derivados no século XX. A mobilidade deixou o mundo pequeno e a comunicação e as finanças aceleraram a globalização de forma extraordinária. As comunicações fizeram ver um mundo só, antes das barreiras dos limites físicos dos países, onde o homem vem se conscientizando do verdadeiro terror que ele é para si próprio, ao atacar os recursos finitos do seu planeta. Lobbies pra cá, pressões pra lá, o tempo continua senhor do futuro e é quem define o momento..... afinal, *“não há nada melhor do que uma boa idéia que encontrou o seu tempo”* – Victor Hugo.

Acabamos de passar, como humanidade, pelo teste do momento, com a reunião da OMC na Rodada de Doha: fracasso, pois os lobbies e as pressões ainda não se humanizaram.....

A realidade atual é a do homem vivendo no barulho das metrópoles – o homem insiste em fazer cercas e muros, verdadeiras prisões, pressionado pela religião, pelos imperialistas, populistas ou pelo medo do que sente mas não sabe o que é: a aldeia global, a moeda única, a democracia expandida com nichos de autoritarismos que serão enfrentados, os mais fortes substituídos pelos mais rápidos, enfim, novos paradigmas que apavoram, além dos assaltos.

Nesses novos tempos, vive-se uma crise monumental de energia, pois a oferta não consegue acompanhar a demanda global. As tecnologias dos setores petróleo e gás natural ensaiam quebras de paradigmas, anunciando petróleo a ser buscado em enormes profundidades. É difícil subir o monte Everest ou o K2, na Ásia, mas, provavelmente, também difícil buscar petróleo na mesma altitude, só que para baixo, no pré-sal ou pós-sal, sabe-se lá! Q

planeta escondeu tão fundo o seu predador, talvez para que o homem não o encontrasse! Mas não só o encontrou como fará dele toda uma oportunidade de palanque. Se for viabilizada uma forma de retirá-lo de lá sem a liberação do CO₂ na atmosfera, ainda é uma expectativa positiva..... mas quem terá esses recursos se nem os há para perfurar ou mesmo para fazer refinarias?

Como se sabe que o tempo pode ser mais longo para fazer as mudanças do que será preciso, há um risco gravíssimo de que se adie as mudanças necessárias, ou que se mantenham os paradigmas sempre com as justificativas do interesse. Não há, de fato, o senso de urgência. Mesmo com o flagrante fato do petróleo a US\$ 100 o barril!

A natureza foi caprichosa com os combustíveis fósseis: teria privilegiado algumas regiões em detrimento de outras? Não! As realidades da evolução do planeta, com tantas variáveis, determinaram isso, muito antes do homem riscar seus limites no chão. Hoje, no entanto, sabe-se que há poucos países com petróleo, com custos subindo e preços nas alturas, com realidades políticas diversas e, na ampla maioria, sofrendo do “mal do petróleo”, que em síntese, seria a versão “Jeca Tatu” dos países que tem petróleo: indolentes e acomodados.

O Hemisfério Sul, onde se tem a grande maioria da pobreza na Terra, tem muita energia e pouca dinâmica global. O sol banha com horas-luz muito mais que o rico Norte, mas o pobre Sul ainda não tomou consciência da sua parte neste mundo. Educação, infra-estrutura, recursos financeiros e cultura não teriam nada a ver com a insolação. Mas será que não? A agroenergia crescente chama recursos financeiros do Norte, que alavancarão educação, cultura e infra-estrutura. A tecnologia tropical brasileira foi, fantasticamente, talvez a mais importante revolução do Brasil! A cana-de-açúcar, adaptou-se e rejuvenesceu nos cuidados dos agrônomos brasileiros! Aqui está a semente de um futuro brilhante, reservada ao mundo pela agricultura. Esse o principal paradigma quebrado!

Há muito a enfrentar, abaixo da Linha do Equador. Há muito a rezar, para que o verde da agricultura renove a cabeça dos verdes da política, do ambientalismo, do executivo e do legislativo..... Mas, segundo Machado de Assis, *“cada tempo tem o seu estilo”*. É uma excelente síntese da complexidade da evolução dos costumes, das posições e dos pensamentos do

homem.... afinal, todo dia o sol nasce e se põe, mas o homem sempre tardiamente compreende os acontecimentos. Essa composição das dificuldades do ser humano em decidir sobre posições sólidas levou Galileu a dizer que *“a verdade é filha do tempo e não da autoridade”*.

A fantástica resposta do uso de uma energia fácil, tanto para obter como para usar, levou o homem, sem a noção dos efeitos do uso do petróleo, a deixar-se levar a uma aventura sem precedentes. A comodidade do modo de viver do século XX deixou uma herança às gerações na virada do século XXI: talvez o mais complexo problema jamais enfrentado pelo homem, face a sua dependência do petróleo. A imagem das Torres Irmãs queimando em setembro/01 em Nova York é a mais impactante mensagem do desequilíbrio que vive a humanidade para manter o ciclo pernicioso do uso predatório das fontes fósseis de energia, gerando terrorismo e inseguranças globais, aquecendo o planeta e aprisionando toda a sociedade a manter esse “status quo”, incluída a pobreza.

O outro lado do fator petróleo, extremamente positivo, é o seu uso para o que mais nobre produz: fertilizantes que foram importantíssimo fator na revolução verde, além de outros insumos químicos à agricultura e, também, a gerar a grande maioria dos produtos industriais ou de uso doméstico do dia a dia. Afinal, olha-se ao redor e o que se vê: produtos derivados dos hidrocarbonetos (petróleo, gás natural) e dos carboidratos (agricultura), além de proteínas e variados minerais. Há, ainda, o questionamento sobre sua viabilidade econômica. Nas condições do Brasil, no caso da biomassa cana-de-açúcar, a sua tonelada equivalente de petróleo já é mais competitiva em termos de custos! Em teoria, seria o mesmo para todos os países que vivem nos trópicos e que cultivam a cana-de-açúcar.

A dependência de políticas públicas locais e globais, traz limites à expansão acelerada do agronegócio da cana-de-açúcar, que se iniciam na falta de um mercado internacional sustentável para o etanol e o açúcar, passando por uma lógica de defesa de seus agricultores na linha da procura de auto-suficiência dos vários países, por falta de mecanismos internos (Brasil) de carregamento de estoques e metas indefinidas, além de outras questões importantes como o lobby contra a agroenergia.

Em 2008, a Agência Internacional de Energia – IEA – que coordena a questão energética dos países da OCDE (ricos), anunciou 3 pontos essenciais, como desafios aos tomadores de decisão na questão energética:

- A erosão da segurança energética;
- A ameaça das mudanças climáticas;
- A crescente necessidade energética dos países em desenvolvimento.

Com base nesses pontos, a citada publicação (Energy Technology Perspectives 2050, IEA, 2008) produz um parágrafo que resume a aflição energética atual:

“É necessária uma revolução global de forma que a energia seja ofertada e consumida sem problemas. Renováveis, energia nuclear e a captura e estocagem de CO₂ precisam ser implementadas em escala maciça. O uso da bioenergia, em 2050, irá alcançar o nível atual de consumo de petróleo”.

No tema bioenergia, isso somente ocorrerá se os EUA e o Brasil trabalharem juntos, sem barreiras. Afinal, alguns barcos foram levados ao mar, cujo motor é o vento (renovável) e é preciso que as velas sejam abertas. Sem elas, fica a beleza do mar e os sons tranquilos das águas..... mas navegar é preciso!